



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: POSICIONAMENTOS DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO DA REDE PARTICULAR SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

1. Roberta Caldas Domingues de Meneses
2. Margarida Maria Florêncio Dantas
3. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

1. Universidade Católica de Pernambuco, betacaldas@hotmail.com;
2. Universidade Católica de Pernambuco, margamdantas@hotmail.com;
3. Universidade Católica de Pernambuco, crisamaz@gmail.com.br

RESUMO

O presente artigo aponta possibilidades de intervenções clínicas diante de posicionamentos de adolescentes, estudantes de uma escola da rede particular de ensino da cidade de João Pessoa, com relação à homossexualidade. Utilizou-se a técnica do Grupo Focal para mediar a discussão, bem como a observação participante e um questionário sociodemográfico. Participaram desse grupo nove adolescentes do sexo feminino com idade entre quinze e dezesseis anos. E foi percebida a produção de sujeitos a partir de discursos disciplinares, o que faz com que essas adolescentes apresentem um posicionamento bem próximo do socialmente aceito, apesar de algumas falas demonstrarem criticidade com relação ao binômio certo e errado. O discurso de instâncias de poder, como a religião, a escola, o médico, produzem verdades que levam a relações com o corpo fortemente demarcadas por essas verdades, que produzem formas de pensar.

Palavras- chave: Escola, Adolescência, Homossexualidade.

Introdução

O interesse pela temática foi despertado a partir da minha atuação como psicóloga da rede particular de ensino, ao problematizar as situações emergentes, nesse universo, as quais envolviam as práticas sexuais dos adolescentes, incluindo aí as relações afetivas e/ou sexuais, as condutas de cada gênero nessa relação. Tal percepção me instigou a dar voz, a querer ouvir



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o que as estudantes tinham a dizer sobre suas percepções e significados a respeito da sexualidade.

A adolescência foi concebida a partir do entendimento da cronologização da vida. Ariès (1975/2011), em seu estudo acerca da história social da criança e da família, defende que a categorização por faixas etárias não é um dado natural, e sim, uma produção cultural. Do ponto de vista histórico, buscamos o surgimento dos sinais do que viria a ser reconhecido como adolescência, através de algumas situações ocorridas durante o período da Idade Média.

Nesse tempo, as idades de vida não eram delimitadas: nascia-se, crescia-se e se morria. A infância, bem como a adolescência não eram reconhecidas como fase de desenvolvimento. Assim, não havia diferenciação entre elas. Ariès (1975/2011, p. 46) pontua que se havia um marco para a vida, isto não implicaria o entendimento da infância. “Tudo indica que a idade de sete anos marcava uma etapa de certa importância: era a idade geralmente fixada pela literatura moralista e pedagógica do século XVII para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar.”

Entretanto, a preocupação com a separação por faixas etárias surgiu com a necessidade de controle e disciplina de uma nova instituição: o colégio. O colégio era responsável pela formação dos alunos, e para atender às suas responsabilidades e exigências, necessitou ampliar o entendimento acerca do desenvolvimento infantil, de recursos pedagógicos e, principalmente, do uso do controle e disciplina.

Ozella (2002) aponta a instalação de uma concepção naturalista e universal sobre o/a adolescente, compartilhada pela Psicologia, incorporada pela cultura e assimilada por todos/as. A produção da literatura especializada, sobretudo nas áreas da Psicologia e da Educação, segundo levantamento realizado por Ana Bock (2007), conferiu à adolescência concepções naturalizantes. A autora alerta que, ao desenvolver essa perspectiva, deixa de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contribuir para a leitura crítica da sociedade, atribuindo ao/à próprio/a adolescente e sua família a responsabilidade por questões sociais que envolvem os jovens.

Nesta pesquisa, a adolescência será tomada como uma construção social que implica uma constituição, a partir do referencial histórico-cultural. “A adolescência não é um período natural do desenvolvimento. É um momento interpretado e significado pelo homem. Há marcas que a sociedade destaca e significa” (Ozella, 2002, p.21). Com isso, não queremos negar o desenvolvimento natural do corpo, da transição do corpo infantil ao adulto, mas reconhecer que tal fato é dotado de significados em nossa cultura e, portanto, o entendemos como elementos constitutivos da subjetividade adolescente.

O mesmo ocorre com a sexualidade. É preciso entender a historicidade e temporalidade da sexualidade, compreender o solo onde aconteceu a construção social das práticas sexuais, o momento onde a sexualidade deixa o terreno da normalidade, vivenciados pelos gregos e passa a ser proibida e doentia do ponto de vista ético e moral das sociedades europeias modernas. Desse modo, é possível uma compreensão do sujeito na vivência da sua sexualidade e as influências por ele sofridas.

De acordo com Foucault (1984), nos séculos XVII e XVIII surgiram as obsessões da medicina e pedagogia com relação ao desperdício sexual, que poderia levar à morte o indivíduo que fizesse um uso desmedido do seu sexo, por provocar um esgotamento do organismo. E tal posicionamento causa medo aos jovens que praticavam um sexo desmedido.

Ainda nesse período, São Francisco Sales, citado por Foucault (1984), pontua que a virtude conjugal era exaltada a partir do exemplo do elefante, um animal que nunca troca de parceira, só acasala a cada três anos e por cinco dias em cada ano, e de um modo tão secreto que jamais foi visto na prática deste deleite, tendo ainda por hábito lavar todo o corpo no sexto dia, só retornando ao bando devidamente purificado. Percebe-se, então, a importância dada à fidelidade como um valor moral.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Na continuação do que influencia as práticas e comportamentos sexuais na Europa moderna, Foucault (1984) apresenta a imagem do homem homossexual. O homem afeminado, cheio de adereços, delicado, frágil. Nesse sentido, não há uma explícita condenação do amor pelos rapazes, mas a produção de um efeito de negação, repugnância das relações entre os homens, pois representa uma renúncia da virilidade masculina. Assim, os amores masculinos só aconteceram de maneira livre na Antiguidade grega, se tornando negativo e desqualificado nas sociedades europeias modernas.

Por fim, o modelo de abstinência era representado pelo homem que fosse capaz de conter seus desejos, que renunciasse a vida sexual para “dar acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor, a qual seria excluída pela atividade sexual” (Foucault, 1984, p. 22). O que é estimulado na moral europeia moderna, então, é a temperança voltada para o tipo de prática sexual, ou seja, o controle de tais práticas. Enquanto que para os gregos, a temperança, o controle, estava voltado ao excesso da prática.

Foi dessa maneira que foi construído o pensamento moral a respeito da homossexualidade. Pensamento este que coloca a prática homossexual como imprópria, indevida, errada, contrária. E o sujeito homossexual é tido como o invertido, enfraquecido, enervado.

Observando os homossexuais é notório que a relação que eles estabelecem com seu corpo é diferente do padrão dominante, superando, inclusive, a divisão binária dos sexos, o que Butler (2003) chamou de gêneros “inteligíveis”. Na concepção desta autora, tais gêneros são aqueles que respeitam uma relação de coerência e continuidade com o sexo, gênero, prática sexual e desejo. E estar coerente significa dizer assumir o modo da heteronormatividade, em que o homem se relaciona com a mulher, exclusivamente.

Com a relação às diversas nomenclaturas dadas ao sujeito de acordo com sua prática sexual, Carrara (2007) cria uma classificação que vai além da escala identitária, facilitando a realização de políticas públicas sem que indivíduos sejam excluídos por não estarem, ou não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se sentirem inseridos em determinada identidade. Dessa forma foi criada a definição de HSH, ou seja, Homens que fazem Sexo com outros Homens, muito utilizada na realização de programas de prevenção de DST/AIDS. Já existem também, porém menos divulgada, a definição de MSM ou Mulheres que fazem Sexo com outras Mulheres.

Metodologia

O presente estudo apresenta uma pesquisa qualitativa, a qual busca uma compreensão do comportamento estudado, e não uma explicação desse comportamento, como o faz o paradigma positivista. Na pesquisa qualitativa a visão é para além dos dados estatísticos, visando o aprofundamento e o significado dos fenômenos.

Os instrumentos utilizados foram o Diário de Campo e o Grupo Focal. O Diário de Campo é definido como o “registro diário dos eventos e conversas ocorridas; das anotações em campo que podem incluir um diário, embora tendam a ser mais abrangentes analíticas e interpretativas do que uma simples enumeração das ocorrências” (Polit & Hunglert como citado em Roese, Gerhardt, Souza & Lopes, 2006).

O Grupo Focal é descrito como “pessoas reunidas em uma série de grupos que possuem determinadas características e que produzem dados qualitativos sobre uma discussão focalizada” (Krueger, como citado em Cruz, Moreira & Sucena, 2002, p.4). Esta técnica tem por característica trabalhar a reflexão, através do discurso das participantes, possibilitando que elas apresentem suas ideias, valores, conceitos, impressões e opiniões sobre o tema em questão.

O grupo focal foi formado por nove adolescentes entre quinze e dezesseis anos que frequentam uma escola particular de João Pessoa. Estas jovens criaram um cartaz com recortes de revista a partir do que lhe chamavam atenção sobre adolescência, gênero e sexualidade, após a montagem do cartaz falaram sobre esta produção.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Aqueles que demonstraram interesse em participar, encaminharam para os pais ou responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste documento, disponibilizamos o contato telefônico da pesquisadora, para que, se houvesse interesse, pudessem entrar em contato para algum esclarecimento em relação ao trabalho. De posse da autorização dos pais, os alunos também assinaram o Termo de Assentimento, pois de acordo com a Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (2012), os menores de idade, após serem esclarecidos sobre a pesquisa e dispostos para a participação, devem explicitar a sua anuência, através deste documento. O projeto foi enviado à Plataforma Brasil, sob o número CAAE 23517213.2.0000.5206 e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 18/12/2013.

Para análise dos dados, foi utilizada a Análise do discurso numa perspectiva foucautiana. A qual, em termos metodológicos, não tem o propósito de organizar o discurso a ser analisado, ou de identificar a lógica interna e algum conteúdo de verdade que possa carregar, ou de uma essência original. A proposta está voltada para o tratamento do discurso nos jogos de suas possibilidades e concebido como acontecimento.

Discussão

Para iniciar a discussão a respeito da homossexualidade é importante ter em mente o conceito de identidade que, segundo Bauman (2005) é um horizonte ao qual o indivíduo se empenha, se avalia, censura e corrige os seus movimentos, ou seja, se define como sujeito. A identidade varia de grupo para grupo, de pessoa para pessoa, verificando que cada pessoa possui uma identidade, assumida através de suas escolhas, de seu estilo de vida, suas ações e modo de pensar.

A imagem do corpo também está diretamente ligada à sexualidade, pois é o corpo que chama atenção, na maioria das vezes inicialmente, levando um indivíduo a um interesse por outro indivíduo, do mesmo sexo ou não. Outra questão que envolve o corpo diretamente é a prática sexual, por isso é necessária uma atenção a ele.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A dominação em relação ao corpo pelo saber dietético, vista no processo “correto” de emagrecimento, que visa a saúde da população, tão disseminado pela mídia, pelas políticas públicas e, sobretudo, pela Medicina, faz parte de um aparato de poder que Foucault denominou de biopoder. O filósofo utilizou este conceito para fundamentar o poder sobre a vida e sobre a morte, poder este que outrora cabia exclusivamente ao soberano e que passou a ser exercido pelo Estado. Há uma relação estreita entre o exercício do biopoder e o desenvolvimento do capitalismo, no que se refere ao controle dos corpos no aparelho de produção e ao ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos (Foucault, 1979). A intenção do biopoder, grosso modo, seria de manter a população saudável e produtiva.

Esse controle de corpos que induz a produção de corpos pelo biopoder, acontece através de discursos falados ou não, como a maneira estereotipada do homossexual cortar seus cabelos, se vestir, se expressar. Na explicação dos cartazes essa estereotipia aparece quando Letícia, umas das adolescentes do grupo, fala a respeito de uma das gravuras e o restante do grupo se posiciona também.

Letícia: Aqui tem “O último a saber” e tem a imagem de Félix que todos sabem que foi um personagem gay da última novela apresentada pela Rede Globo. E a gente colocou a frase porque o pai dele, embora soubesse de tudo, não queria admitir. Ou seja, ele foi meio que o último a saber sobre o relacionamento afetivo do filho. Isso acabou ocasionando...

Tatiana: Homoafetivo. Homoafetivo.

Letícia: O relacionamento...

Tatiana: Homoafetivo.

Letícia: Dá no mesmo, gente.

Letícia: Afeto por outro homem. Dá no mesmo.

Letícia: Enfim. E, no final, quem ajudou o pai foi ele, né?

Vitória: E isso acontece muito, nos dias de hoje.

Letícia: Muitas vezes os pais não querem aceitar os filhos

Vitória: Na verdade, os filhos nem falam.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Adélia: E, muitas vezes, os filhos...

Letícia: Os filhos têm medo de falar aos pais por medo que eles...

Adélia: Não sejam aceitos.

Letícia: ...da atitude deles.

Adélia: Não sejam aceitos.

Letícia: Exatamente.

Denyse: E, também, pelo fato da sociedade não aceitar plenamente, né?

Letícia: Exatamente.

Denyse: Porque a sociedade também tacha muito essas pessoas.

Foucault se interessou em analisar a atuação do poder na vida diária das pessoas, percebendo essa atividade como uma malha capilar de micropoderes, pulverizados e capazes de atingir todos os indivíduos, através de pequenas práticas repetitivas, e com capacidade de adestrar os corpos. Os micropoderes são exercidos diretamente sobre o corpo dos indivíduos, intervindo direta e materialmente sobre ele. Este poder se refere ao controle contínuo, repetitivo, sistemático e detalhado do comportamento do corpo de cada um (Rodrigues, 2003).

No diálogo das adolescentes, o corpo cuidado dos homens chama a atenção. Isso porque não é estimulado tal cuidado, a imagem que o homem carrega é de descuidado e cuidar, então, se torna uma característica homossexual.

Denyse: Também tem o fato da vaidade. Que hoje não só mulher é vaidosa, o homem também, hoje em dia, é muito vaidoso.

Adélia: É.

Vitória: É.

Letícia: É.

Tatiana: E, às vezes, o homem é vaidoso e é tachado como gay, também.

Cecília: É verdade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Denyse: E é tachado como gay.

O poder exercido sobre o corpo é apoiado em saberes científicos que justificam o modo como devemos “cuidar do corpo.” É uma intervenção insistente e precisa, que faz com que a ação se torne espontânea. A relação do homem com a higiene do corpo é um retrato do quão penetrante é o poder, pois para a sociedade atual, o ato de banhar-se é algo óbvio, natural, responsável pela adoção de hábitos saudáveis, porém nem sempre foi assim. Na Idade Média, por exemplo, o banho não tinha relação com a higiene e sim com atividades festivas, prazeres corporais, excitação sexual e erotismo. A limpeza era feita apenas nas áreas visíveis (Goellner, 2003).

É esse o papel da sociedade, funcionar como dispositivo de regulação, de disciplinarização que molda, condiciona os indivíduos a terem um pensamento que responda a seus interesses, impedindo os sujeitos de usufruir da sua liberdade de pensar e se expressar. Entretanto, a pesar da forte tentativa de controle as instâncias reguladoras, como a religião, por exemplo, são questionadas a respeito da negação da homossexualidade.

Tatiana: Deixa eu falar desse negócio “O que dizem os católicos”. É porque, assim, a Igreja Católica fala que... (risos). Proíbe o casamento gay, né? Porque eles dizem que se Deus criou o homem e a mulher...

Adélia: É pra se reproduzirem...

Tatiana: É. Só que eu acho que a pessoa tem que ser feliz com a pessoa que você goste, que você quer. Porque não adianta, por exemplo... Deixa eu dar um exemplo. Tá, tem uma lésbica. Ela vai se casar com um homem pra não ser... não ser tachada... não ser...

Adélia: Rotulada.

Tatiana: ...Não ser julgada pela sociedade, nem pela Igreja. E ela vai ser infeliz porque ela gosta de mulher, né? Ou então um homem, mesmo, case com uma mulher. Tem muito...

Foucault (2010) considera o sujeito constituído nas relações de poder aplicadas em sua vida cotidiana. Essas relações têm a capacidade de atuar sobre o sujeito de modo a categorizá-



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lo, marcá-lo em sua individualidade, ligá-lo à sua identidade e lhe impor um regime de verdade no qual deve se reconhecer e ser reconhecido nele. Ele assinala dois significados para a palavra sujeito: o primeiro, no sentido de assujeitamento a alguém, através do controle e dependência; e o segundo, ligado à sua própria identidade pelo autoconhecimento. Ambas as definições sugerem um sujeito subjugado às formas de poder.

A homossexualidade apresentada nas novelas, por exemplo, marca como os sujeitos homossexuais devem se comportar, que padrão é necessário que eles sigam para serem respeitados pela hegemonia heterossexual. E isso representa uma forma de controle, de interdição, de disciplina.

Assim, podemos considerar que as percepções das adolescentes, em relação às implicações nas relações sexuais, são baseadas nos binarismos sexuais que classificam os sexos e fixam padrões de comportamento aos quais todos/as devem se submeter. As contingências dessa constituição levam à valorização da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, por estarem fortemente influenciadas pelo dispositivo disciplinar que é a escola, a sociedade, a religião, a medicina. Dessa forma, o heterossexual ainda é o moralmente correto, entretanto, as adolescentes conseguem se posicionar em favor da homossexualidade, o que mostra uma abertura para outras possibilidades de vivenciar a sexualidade.

Tatiana: Eu queria falar sobre, de novo – que ela falou agora –, a homoafetividade. Meu pai é extremamente preconceituoso. Ele falou...

Cecília: A minha, também.

Tatiana: Ele fica... Ele deixa claríssimo de que se algum dos filhos dele for gay, ele expulsa de casa.

Denyse: Painho fala assim: “Se eles forem, não tem problema. Mas, na minha casa, não pode”.

Tatiana: Meu pai, ele fala assim, ele diz: “Ah, não, porque eu não vou ver um gay na rua e falar ‘Sai de perto de mim’, não. Mas se for aqui dentro de casa, não pode. Ninguém vai ser... Nenhum filho meu é gay, nem nada. Você cuide... Você crie seus filhos direitinho pra



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

eles não virarem gays”. Aí minha mãe fica... Porque minha mãe é psicóloga e ela fica: “Não, mas a pessoa não nasce gay”.

Dentre as colocações destacadas acima, algumas falas são marcantes no sentido em que são fortemente conformadas às normas regulatórias que definem o que é certo e o que é errado, em um processo de naturalização. Assim, os posicionamentos atribuem, por exemplo, que o homossexual deve ser respeitado, mas não copiado. Esses posicionamentos configuram, representam e ilustram os sistemas de verdades que atribuem o padrão normativo baseado na heterossexualidade e no patriarcado.

Considerações Finais

Neste trabalho, discorreremos sobre os posicionamentos das adolescentes, inseridas no contexto escolar, acerca das questões relativas à homossexualidade. Enfatizamos os aspectos relativos a disciplinarização dos corpos, os sentidos atribuídos a homossexualidade e os regimes de verdades que os atravessam.

Assim, foi percebido que os dispositivos de poder atuam, não só nas instituições, mas também individualmente na vida de cada sujeito. O biopoder, definido como um sistema de poder de gerir a vida, atua diretamente sobre a vida da pessoa enquanto ser individual, com a intenção de torná-la dócil e submissa e, como ser social (população), exercendo o controle sobre os mecanismos de vida (nascimento, morte, epidemias, saúde/doença).

Os discursos das adolescentes demarcam uma concordância com o socialmente aceito, entretanto esse posicionamento também é atravessado pela realidade vigente que apresenta uma homossexualidade diferente da que é rechaçada e negada pelo poder disciplinar. E essa diferenciação é percebida por elas, o que pode fazê-las apresentar um comportamento ou uma determinada fala para agradar os pais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariès, P. (2011). *História social da criança e da família*. (2a ed.) Reimpressão. (D. Flaksman, Trad). Rio de Janeiro, LTC. (Obra original publicada em 1975)
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar.
- Bock, A.M.M. (2007) Adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.
- Carrara, S.S.J.A.(2007). *Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. Cadernos Pagu (28), p. 65-99.
- Cruz, O. Neto, Moreira, M.R. & Sucena, L.F.M. (2002). *Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação*. Disponível em WWW.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf. Capturado em 27.09.2013.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.1
- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Foucault, M. (2010). *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France*, 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Goellner, S. V. (2003). A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L.; Neckel, J. F. & Goellner, S. V. (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. (28-40). Petrópolis: Editora Vozes.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In: Contini, M.L.F (coord.) & Koller, S.H. (org.). *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. (pp. 16-24). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Revel, J. (2005). Michel Foucault: conceitos essenciais. (M. R. Gregolin, Trad.). São Carlos: Editora Claraluz.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Rodrigues, S. M. (2003). A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 9 (13), 109-124.